



## JORNALISMO, FICÇÃO E MEMÓRIA NO BRASIL: UM OLHAR SOBRE OS DESAPARECIDOS DA DITADURA DE 1964<sup>1</sup>

Alice Mitika Koshiyama<sup>2</sup>

**RESUMO:** O romance *K* é um olhar sobre a ditadura de 1964 no Brasil. Resultado da experiência, do conhecimento e da vida no período por Bernardo Kucinski, irmão e cunhado de desaparecidos políticos, cujas trajetórias finais de vida permanecem desconhecidas. A busca infrutífera, a dor, o medo difuso distribuído na sociedade, a constatação do medo e da corrupção no aparelho repressivo, a percepção dos impasses dos grupos de resistência, a internacionalização da repressão política, a convivência de autoridades universitárias com a ditadura, eis alguns temas abordados com arte e engenho no texto do autor. A crítica de jornalistas e cientistas sociais a obra, e as observações de Kucinski sobre a época, trazem elementos para a defesa de uma resignificação da memória coletiva, com a inclusão dos desaparecidos políticos, até então vistos pelas autoridades como parte da memória individual de cada família.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Bernardo Kucinski. Ficção. História. Jornalismo. Memória coletiva. Romance K.*

---

<sup>1</sup> Reescritura e atualização de texto elaborado para o simpósio temático 016. Ditaduras, justiças de transição e memória no Brasil e na América Latina, ANPUH\_Rio, XVI Simpósio Regional de História, 28/07 a 01/08 de 2014.

<sup>2</sup> Professora Sênior Doutora. Livre-Docente em Jornalismo. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), Departamento de Jornalismo e Editoração. Docente de Graduação em Jornalismo e POSCOM – Ciências da Comunicação, Coordenadora do Grupo de Pesquisa Jornalismo e a Construção da Cidadania (certificado pelo CNPq), e-mail:almitika@gmail.com.

## 1. Introdução

Bernardo Kucinski, jornalista profissional e professor titular aposentado do Curso de Jornalismo da Universidade de São Paulo, hoje assume a condição de escritor como sua atividade principal. É autor de um texto que dialoga com a memória de sua vida e com a história recente do país o romance *K*. Lançado em 2011 (Expressão Popular), e em 2ª edição em 2014 (Kosac e Nayf), e traduzido em 13 línguas, emocionou quem o leu e merece figurar na bibliografia das obras fundamentais para o conhecimento da história do país. A pertinência da informação histórica e a qualidade literária do texto foram avaliados pelos leitores e críticos especializados, que inspiraram este trabalho

## 2. A invenção do real

Bernardo Kucinski diz: "Tudo neste livro é invenção, mas quase tudo aconteceu." Renato Lessa, elabora essa afirmação, como uma questão central a respeito do nosso complexo sistema de viver a vida:

Desfaz-se, na bela formulação, a oposição entre 'realidade' e 'ficção', e a complementaridade entre ambas acaba por ser admitida. Há, com efeito, muitas formas possíveis de fixação de verdades. Uma delas pode bem ser a combinação entre fato e ficção. Uma combinação que não se dá por justaposição – caso no qual a ausência de 'dados' é complementada pela imaginação –, mas por funda necessidade recíproca: a própria força do fato exige o trabalho da imaginação; imaginação cujos efeitos tornam-se tangíveis e significativos para o leitor por meio de operações formais precisas e por experimentos textuais. Se a matéria histórica é a condição originária para o relato, cabe à imaginação e ao cuidado formal a constituição da matéria do ato literário. (LESSA, 2012)

Quem é *K*.? Ele é um pai na busca dolorosa pela filha e pelo seu genro, desaparecidos sem deixar rastros. Não havia nenhuma explicação oficial. E o velho vai aos poucos percebendo a presença da máquina de moer corpos e existências da ditadura.

Os desaparecidos existiram. Ana Rosa Kucinski, professora da Faculdade de Química da USP, era casada com o dirigente da Ação Libertadora Nacional (ALN) Wilson Silva – e ambos estão sumidos desde 22 de abril de 1974. Ao admitir a perenidade da dor e da culpa que carrega por não ter conseguido até hoje descobrir o que foi feito do casal, Bernardo Kucinski, irmão e cunhado dos desaparecidos, assim

define o gesto de remeter a história a K., seu primeiro livro de contos: “Estava tudo aqui dentro e eu tinha de descarregar”.

K. = K.+ B.K. Nesta obra, o autor elabora fragmentos da sua realidade a arranjos imaginários. Mistura sensações de angústia e a persistência do pai na busca da filha com seus próprios passos em direção a esse abismo sem fim.

Se nem sempre saberá exatamente quando está diante de um fragmento real ou ficcional, o leitor se sentirá o tempo todo diante de um contundente e humano apanhado histórico literário sobre um período tenebroso da história do país: Em depoimento a jornalistas (2011) declarou:

“É autobiográfico, mas não é. Tem muita coisa factual, e muita coisa inventada. Foi uma parede que eu montei ao meu gosto, mas os tijolinhos são todos factuais, entende? A parede toda é como se fosse uma metáfora. Coloquei tudo no personagem do meu pai<sup>3</sup>, mas, na verdade, metade daquilo fui eu quem vivi” (KUCINSKI, 2011)

O autor observa sua falta de informação sobre a vida de sua própria irmã, pessoa muito reservada, a ponto de não contar para a família que havia se casado com o namorado. Sobre ele, Bernardo tinha mais dados:

O Wilson era da ALN. E Ana? É uma coisa que eu nunca vou saber. Ela era militante, mas eu nunca vou saber se era por solidariedade ao companheiro, se ele tentava compartimentar, protegê-la, ou ao contrário, estimulava. Como isso se deu, eu nunca vou saber. O Wilson era da cúpula, vinha depois do Joaquim Câmara, talvez tivesse mais um e depois ele. Era um sujeito extremamente discreto. Eles tinham uma vida legal normal. Ela trabalhava na USP, ele numa empresa, não davam bandeira, ninguém sabia o codinome dele. (KUCINSKI, 2011)

A procura dos desaparecidos. O autor, em entrevista (2011) destaca o trabalho incansável do então arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, de quem seu pai, ateu se aproximou:

Hoje eu sei, pelo livro da Maria Victoria Benevides (Fé na Luta), que ele fez muito mais do que eu imaginava. Ele realmente foi um sujeito que comprou

---

<sup>3</sup> Meir Kucinski, pai de Bernardo e Ana Rosa, foi um escritor e poeta que ministrou aulas de ídiche no Colégio Renascença e exercia ao comércio como atividade profissional. Teve sua obra editada em língua portuguesa com organização e seleção de Rifka Berezin e Hadassa Cytrynowicz, como resultado do trabalho de alunos do Curso de Hebraico da USP. O livro foi publicado em 2002 sob o título de *Imigrantes, Mascates & Doutores*, com prefácio da professora Berezin em que elabora uma síntese da literatura ídiche no Brasil e da biografia do ator (p. 20-29). Segundo Bernardo, seu pai nasceu em Wloclawek (Polônia), pertencente ao império russo, em 1904, participou dos círculos idichistas laicos do *Linke Poalei Tzion*\*. Ao emigrar ao Brasil em 1935, e logo integrou-se no *milieu* dos escritores, ensaístas, e periodistas idichistas. Disponível em: [http://kucinski.com.br/visualiza\\_noticia.php?id\\_noticia=390](http://kucinski.com.br/visualiza_noticia.php?id_noticia=390)

essa briga grande. Ele cobrou do Golbery, ficou bravo várias vezes. Mas não adiantava. Inclusive a Maria Victoria disse que meu pai ficou amigo dele.

(...)

Meu pai era assim e eu herdei isso dele, o meu anticlericalismo vem dele. Então tem esse aspecto paradoxal: no fim, a Igreja católica foi a única que realmente se mexeu, de não fazer só por fazer. Eles fizeram tudo o que puderam “ (2011)

Comissão da Verdade do sistema. Kucinski quer esclarecer o que houve. Mas não credita à Comissão da Verdade a força para mudar os procedimentos a ponto de punir os que mataram e fizeram desaparecer os corpos. É pessimista declara em entrevista: sua desesperança em relação à penalização dos torturadores:

“...eles vão esperar todos esses caras morrerem, e talvez até os filhos, para depois mexerem. O sistema se metamorfoseou, os que eram da ditadura viraram democratas, mas muito deles são as mesmas pessoas. O Sarney (José Sarney, presidente do Senado) é o símbolo disso. É um problema, porque fica um espinho.” (KUCINSKI, 2011)

O resultado dos trabalhos da Comissão Nacional da Verdade, segundo relato do jornalista Luis Cláudio Cunha corroborava integralmente os receios de Kucinski. “Dilma precisa decidir o que fazer com o CNV, após o comandante do Exército dificultar o acesso aos documentos da repressão”, diz Cunha (2014). Ele denunciou a ausência de respostas às questões pertinentes à responsabilidade das autoridades militares da ditadura pelos casos de tortura a prisioneiros políticos. E quando responderam negaram as acusações ou diziam desconhecer totalmente o assunto abordado: as torturas e os presos políticos.

Kucinski encontrou na ficção recursos para o registro dos fatos, das emoções, das percepções sobre pessoas e das reflexões sobre o sentido dos atos comprovados e dos possíveis. Na edição de 2011 teve a contribuição de Ênio Squeff, artista plástico talentoso e sensível, que ilustrou os textos do livro.

Cada capítulo é precedido de uma figura que dialoga com o conteúdo do texto. A expressiva capa (figura 1) reforça a mensagem do livro pela sensação de estranhamento e interrogação:

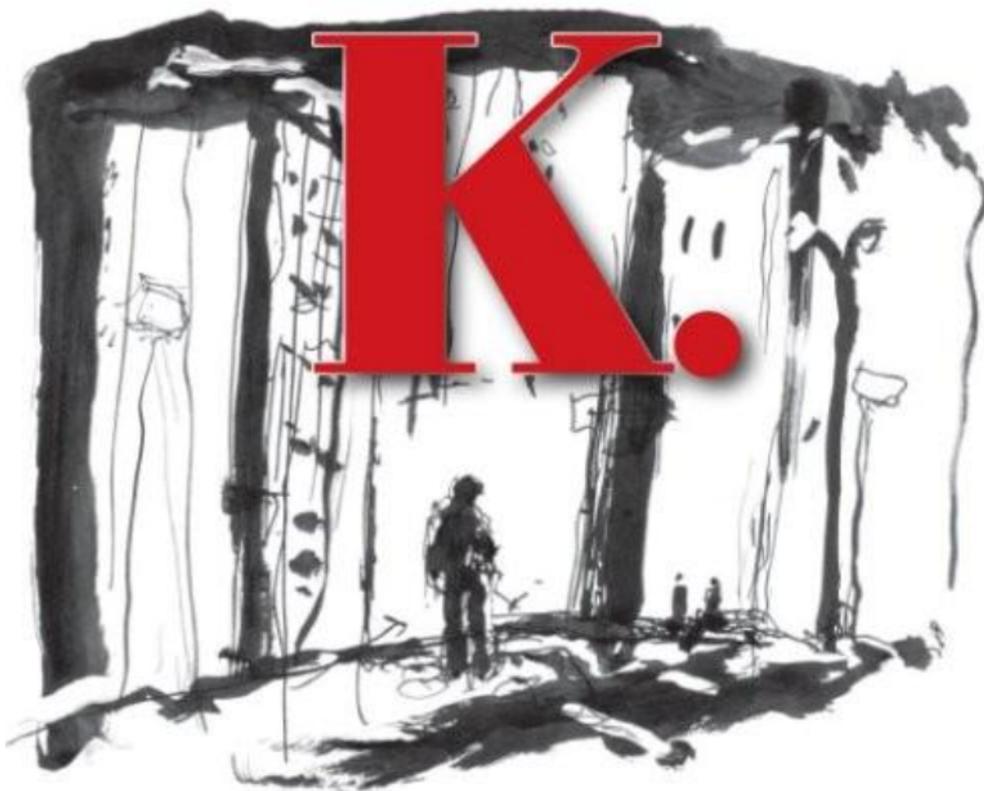


FIGURA 1: CAPA DO LIVRO K. (2011)

### 3. Jornalistas e divulgação da história

Luciano Figueiredo (2010) fala do trabalho de jornalistas como divulgadores de pesquisa sobre o passado, na condição de autores de livros, e enquanto autores de resenhas sobre obras com temáticas históricas.

Pela ficção Kucinski expõe a história do Brasil da ditadura, de um modo diverso do jornalismo. E este trabalho é também diferente da divulgação científica, na definição de Luciano Figueiredo da Revista de História da Biblioteca Nacional (RHBN), compreendida como “a apresentação de conhecimento acadêmico, acompanhada por especialistas da área, sob novas formas e suportes para um público ampliado” (FIGUEIREDO, 2010). No jornalismo científico sobre pesquisa histórica emprega-se o conhecimento de ciências humanas e o domínio da comunicação jornalística para que se construa a mediação entre especialistas e os leitores.

Um texto de ficção pode servir à divulgação da memória da ditadura e ser um documento para um estudo científico da história? Sim, é possível integrar o texto de ficção no rol de documentos para pesquisa e divulgação da história ao demonstrar a relação entre cultura científica, arte e ciência, como o fez Carlos Vogt. Ao construir a metáfora da espiral da cultura científica Carlos Vogt reuniu a atração pelo conhecimento de Ciência & Tecnologia e, ao mesmo tempo, pela beleza poética da literatura, poesia etc. É uma relação que envolve conhecimentos de diferentes formas, metodologias. Destaca que a nossa permanente procura os remete à limitação da capacidade de formularmos o conhecimento, mas também expõe a falta de limite no que tange às condições de atividades críticas que nos movem para novas revelações. Lembra a visceral relação entre literatura e ciência, cujos pontos comuns e de diferenças estão na linguagem e nas formas de comunicação. (VOGT, 2012)

Diferenças -- como destaca Carlos Tiburcio, sobrevivente da ditadura e amigo de Kucinski, em sua leitura de *K.* -- estão na conjugação: fatos + invenção: "Tudo neste livro é invenção, mas quase tudo aconteceu", é assim que começa essa obra, lembra. E destaca: "Talvez *K.* venha a ser reconhecido como um dos romances de maior poder de imersão psíquica do leitor no clima de opressão, insegurança e horror que prevaleceu durante a ditadura em nosso país." (TIBURCIO, 2011). [destaque meu].

#### **4. Ficção e divulgação da história: limitações**

Quem não viveu a história do Brasil recente, pode ler o livro apenas como fruto da criação artística porque o autor propõe um romance, um gênero de escrita comprometido com a verossimilhança, mas não necessariamente com a verdade. Na ética do historiador e do jornalista a verdade é um valor essencial.

Competente jornalista e historiador, Kucinski soube escrever um texto que o livrará de constrangimentos e cobranças de pessoas sobreviventes e interessadas em fixar a sua verdade do passado.. Em depoimento para obras de jornalismo ou de história, personagens talvez tentassem impor suas versões do passado recente ou, simplesmente quisessem negar o que aconteceu. A ficção deixa o autor livre para o registro das transformações que aconteceram em uma sociedade oprimida em seus valores,

sentimentos e percepções, sociedade com seres mutilados em suas capacidades de viver, dialogar e divergir.

Paradoxalmente, uma obra de ficção é um dos mais reveladores trabalhos sobre a história, no Brasil pós-1964. Ao oferecer a síntese informativa e a visão ética e política do período revela as impossibilidades nas relações entre as pessoas e as organizações do sistema político e social.

A saga de K., sua angústia, seu isolamento em sua própria comunidade judaica, nos explica porque foi possível anistiar torturadores. Construir os personagens como vítimas indenizáveis e destacá-las do conjunto da sociedade, por terem sido perseguidas, presas, torturadas ou mortas na ditadura, foi uma metamorfose da comunicação política do sistema. Porque foi possível a perversidade ideológica de isolar o restante da população do país desse processo, como não vítimas da ditadura. Tal como os quadros políticos da ditadura (o mais destacado deles é Jose Sarney) que se metamorfosearam para continuar participando do poder.

O romance também registra a internacionalização das ditaduras no mundo e suas consequências sobre a vida das pessoas envolvidas em movimentos de oposição. O percurso do pai em busca da filha leva-o para outros países à procura de apoio de organizações como a Anistia Internacional ou a American Jewish Committee. Ele então descobre que em vários lugares do mundo pessoas estão sendo desaparecidas. E que ajudar oferece riscos; Jacobo, judeu argentino, que o encontrou nos EUA e ficou de investigar o caso da filha não veio ao Brasil conforme prometera. Soube que ele desapareceu, na Argentina, sem deixar vestígios. (K. , Jacobo, uma aparição, pp.59-64)

Através da história da busca infrutífera do velho K., o autor consegue falar da vida cotidiana dos seres humanos sob a ditadura no Brasil. Notamos os clandestinos atos solidários, o medo da repressão, a conivência com ações arbitrárias, a hipocrisia no fazer de conta que está tudo normal, a corrupção na venda de informações falsas sobre perseguidos políticos.

Registram-se os dilemas políticos da luta armada em derrotas sucessivas, a execução de companheiros, a amante do torturador Fleury e outros temas espantosos

que ao serem confrontados com documentação sobre o período, revelam fatos relatados em obras de memória, história ou reportagem.

## 5. O desaparecido político na memória coletiva do Brasil

Kucinski critica como nós brasileiros lidamos com a memória coletiva e explica a necessidade de ressignificar o conceito de desaparecido político. (Entrevista no programa Metrópolis da TV Cultura em 2012), Repudia o esforço das forças hegemônicas na política em dar a impressão de que o desaparecimento é o drama individual de uma família, uma questão da vida privada e não um episódio social como no passado foi Canudos.

No Continente sul-americano a Operação Condor<sup>4</sup> (SOUZA, 2011) uniu os militares que tentavam transformar os desaparecidos em não pessoas, tiravam-lhes a vida e negavam-se a explicar o que haviam feito. O jornalista Luis Cláudio Cunha (2011) destaca:

Duas décadas depois, já no ostracismo, o general Videla foi menos hermético com as palavras que tentavam disfarçar a força bruta, estúpida, assassina. Confessou o general:

– “No, no se podía fusilar”. Não havia outra maneira. É o que ensinavam os manuais da repressão na Argélia, no Vietnã. Estávamos todos de acordo. Dar a conhecer onde estão os restos mortais? Mas, o que é que poderíamos apontar? O mar, o rio da Prata, o Riachuelo? Pensamos, em dado momento, informar sobre a lista [de mortos]. Mas, aí, se os damos por mortos, em seguida virão as perguntas que não se podem responder. Quem matou? Onde? Como?

O general mostrou que esse é o drama maior das ditaduras: agem e fazem coisas que geram perguntas para as quais não existem respostas, que não permitem explicações, que não resistem a dúvidas, que não admitem palavras. (CUNHA., 2011)

---

<sup>4</sup> Constituída na década de 1970, a Operação Condor possibilitou a repressão aos opositores políticos hostis aos governos militares das ditaduras chilena, argentina, paraguaia, uruguaia, boliviana e brasileira, além das fronteiras nacionais, realizada sob completo desprezo pelas normas de regulamentos internacionais que garantiam proteção a refugiados políticos asilados em países estrangeiros. A análise da literatura baseada no *Arquivo Del Horror*, descoberto no Paraguai em 1992, confirmou as ações dos governos militares baseadas em constantes violações de Direitos Humanos, no tratamento de perseguidos políticos. Ao praticaram o terror de forma sistemática, desarticularam os movimentos de esquerda da região através do extermínio em qualquer ponto do continente. A real participação brasileira na Operação Condor jamais foi admitida oficialmente, porém, utilizando a bibliografia disponível como meios de investigação, revela-se verdadeira. (SOUZA, 2011).

Mas na Argentina, a memória coletiva desses atos e a ação dos familiares de desaparecidos e dos militantes políticos sobreviventes da época levaram a abertura de processos contra os principais responsáveis e vários deles estão sendo condenados como o ex-presidente da República, general Jorge Videla, que cumpria prisão perpétua desde 2010, responsabilizado por 31 mortes e faleceu na cadeia.

A busca desesperada em que se lança o pai, sempre refletida pelo narrador, vai revelando faces ocultas dos tempos de arbítrio, muitas vezes ausentes da rotina de grande parte da sociedade. O terror da ditadura aparece em toda a sua extensão e profundidade no sadismo e no sofrimento psíquico dos que cruzam os percursos de *K*.

Publicamente Kucinski manifesta sentimentos sofridos e guardados até então, ao refletir sobre a procura infrutífera de sua irmã Ana Kucinski, Destaca o sentimento de permanente angústia na vida de quem perdeu um familiar em circunstâncias desconhecidas. Silvio Tandler registra em *Utopia e Barbárie* (2010) <sup>5</sup>

*“Aí você vai descobrindo que não é um processo igual a quando matam o cara e entregam o corpo – o que já é uma tragédia. É uma coisa diferente. Meses e anos depois você fica se culpando. Você não sabe o que aconteceu, que dia foi; se você, naquele dia, tivesse feito algo, não teria acontecido...”* (2011)<sup>6</sup>

O jornalista Lúcio Flávio Pinto (2012) avalia o processo de uma pessoa que torna público fatos da vida privada, que “levou 37 anos curtindo seu sofrimento até chegar a *K*”, um dos livros mais singulares da literatura brasileira (...)” Ele considera o que podia ser mero jornalismo, ou “apenas” a pungente indignação de quem perdeu por meio violento a irmã, sem lhe saber sequer o destino final, virou alta literatura. (...) poucos jornalistas conseguem fazer essa passagem, como a fez Bernardo Kucinski.

O conjuntural, o cotidiano, o apelo dos fatos ainda quentes turva ou impede que se dê a ele o toque de perenidade dos tipos ideais, dos modelos, dos personagens, do enredo – do que é um amálgama de ingredientes que só em literatura gera um produto único.

---

<sup>5</sup> Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=es8M-Cxryq8&feature=related>

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/temas/cidadania/2011/10/contos-de-b.kucinski-sao-metafora-de-si-mesmo-e-dos-espinhos-da-nossa-historia>

Termina-se de ler *K.* com um sentimento de revolta diante daquela matriz que serviu de rumo para o percurso próprio de Bernardo em busca do absoluto por trás do absurdo.

Carlos Tiburcio (2012) acredita na obra como um dos meios para ajudar a mudar nossas relações com esse passado recente.

Da leitura avulta a esperança de que a rememoração desse caso (...) contribua para destravar a blindagem que ainda resiste no interior do Estado. E que alguém responda às perguntas que moveram o velho K. (...) Esclarecer como foi interrompida a vida de Ana Rosa e Wilson equivaleria a quebrar o lacre de um sequestro institucional para libertar uma parte da memória coletiva ainda refém da velha truculência autoritária. Seria um divisor de águas<sup>7</sup>.

## 6. Pela formação da memória coletiva no país

Em um livro de leitura imprescindível e um hábil trabalho com as palavras, Kucinski reconhece a importância do texto bem feito: "Eu já trabalhava muito a linguagem quando jornalista." Ele é um observador do mundo e um participante em todos os momentos significativos da história contemporânea, como jornalista, professor, pesquisador acadêmico e escritor. Afirma a consciente busca de elaborar a narrativa com os fragmentos da memória: "Não escrevi um livro fático, é uma fabulação."

Válida como experiência de leitura de literatura de qualidade, enquanto parte da memória do que aconteceu no país, e um indicador de questões para estudos e para alguns é estímulo para lembrar parte de sua própria história de vida. Pela fabulação temos um panorama de uma sociedade atingida por uma política de estado. E transformar os fragmentos de memórias individuais em memória coletiva é um objetivo para os estudos históricos e para a divulgação científica da história, idéia que elaboramos a partir da concepção de divulgação científica proposta por Carlos Vogt.

Também encontramos no romance *K.* um documento histórico, um produto da literatura de ficção que permite avaliar o impacto da ditadura no comportamento das pessoas, pondo em relevo o medo, a vergonha, o cinismo, a covardia, o sofrimento e a solidariedade, as opções éticas e os impasses políticos daqueles tempos sombrios.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.teoriaedebate.org.br/edicoes/2433>

Como um estímulo para o trabalho de construção de uma memória coletiva terminamos com uma reflexão de Flávio Tavares, autor de *Memórias do Esquecimento*, texto cativante em que observa os personagens da história como seres humanos, com seus sentimentos, valores, crenças e percepções. E o modo como se vê participante da história:

E nós? Nós fomos vítimas da ditadura sim, mas também vítimas de nós mesmos, da nossa pressa infantil e dos nossos dogmas, que não eram infalíveis mas inventado. Vítimas da apressada doação e da nossa ingênua generosidade, dessa rebeldia inata que não nos deixava passivos frente à mistificação. Vítimas do medo da sociedade por inteiro, ou – mais que tudo – vítimas da prostituição da política ou vítimas do medo oportunista do emergente setor empresarial de negócios, que se serviu do Estado e se apoiou nos favores dos burocratas que mandavam no Estado para multiplicar a fortuna pessoal.

Vítimas, enfim, fomos todos nós desse medo geral que se apossou da nação, que transtornou cada qual e fez que praticamente todos enterrassem a cabeça na areia para não ver ao redor. Na parte que nos cabe, nos enfiamos na areia e nos cegamos, também, pensando que, assim, fugíamos do medo geral. (TAVARES, 2012, p. 246)

## Referências

CUNHA, Luís Cláudio. **A força da palavra, a palavra da força**. Observatório da Imprensa. Ano 16 - nº 666 - 01/11/2011. Disponível em:

[http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/\\_a\\_forca\\_da\\_palavra\\_a\\_palavra\\_da\\_fo\\_rca](http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_a_forca_da_palavra_a_palavra_da_fo_rca)

[Palestra de encerramento do XIV Congresso Internacional de Humanidades realizado na Universidade de Brasília (19-21/10/2011), também publicado na revista Intercâmbio, da UnB]

CUNHA, Luís Cláudio. **Ou Dilma demite o General ou extingue a Comissão da Verdade**. 26/ago/2014. Disponível em:

<http://www.sul21.com.br/jornal/ou-dilma-demite-o-general-ou-extingue-a-comissao-da-verdade/>

KUCINSKI, Bernardo. **K**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011. 184 páginas.

\_\_\_\_\_. Entrevista a Paulo Donizetti de Souza & Paulo Salvador. In: **Contos de B. Kucinski são metáfora de si mesmo e dos espinhos da nossa história**. São Paulo, 27/10/2011. Disponível em:

<http://www.redebrasilatual.com.br/temas/cidadania/2011/10/contos-de-b.kucinski-sao-metáfora-de-si-mesmo-e-dos-espinhos-da-nossa-historia>

\_\_\_\_\_. Entrevista a Adriana Couto e Manuel da Costa Pinto. **Bernardo Kucinski** - Entrelinhas - Metrópolis 27/07/2012. Disponível em:

<http://tvcultura.cmais.com.br/entrelinhas/bernardo-kucinski-entrelinhas-metropolis-27-07-2012>

\_\_\_\_\_. **“Alguma memória”** (*sobre cultura, política e família*) Disponível em:

[http://kucinski.com.br/visualiza\\_noticia.php?id\\_noticia=390](http://kucinski.com.br/visualiza_noticia.php?id_noticia=390)

\_\_\_\_\_. In teaser do filme de Silvio Tendler, **Utopia e Barbárie**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=es8M-Cxryq8&feature=related> .

KUCINSKI, Meir. **Imigrantes, Mascates & Doutores**, (organização e seleção de Rifka Berezin & Hadassa Cytrynowicz.), São Paulo:Ateliê Editorial, 2002.

PINTO, Lúcio Flávio. **O K. do Brasil**. *Observatório da Imprensa*, edição 706, ,Em 07/08/2012. Disponível em:

[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/\\_ed706\\_o\\_k\\_do\\_brasil/](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed706_o_k_do_brasil/)  
Reproduzido do Jornal Pessoal, nº 518, 1ª quinzena/agosto 2012; intertítulo do OI.  
Consultado em 20/10/2012.

FIGUEIREDO, Luciano, entrevista a A. Ribeiro & M. Amoroso. In: Revista **MOSAICO**. edição nº 3, ano II, 6 de julho de 2010 , CPDOC/FGV, Rio de Janeiro. Disponível em:

<http://cpdoc.fgv.br/mosaico/?q=entrevista/entrevista-com-luciano-raposo-de-almeida-figueiredo>.

SOUZA, Fabiano Farias de. “Operação Condor: Terrorismo de Estado no Cone Sul das Américas”. **Aedos** - ISSN 1984- 5634, Nº 8, vol. 3, Janeiro – Junho, 2011. p159-176. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/12769/11960>

TAVARES, Flávio. **Memórias do Esquecimento: os segredos dos porões da ditadura**. Ed. Ampliada, Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

TIBURCIO, Carlos. **Sem volta**. *Teoria e Debate*, edição 97, 06/02/2012. Disponível em: <http://www.teoriaedebate.org.br/edicoes/2433>